

3. Amores Expressos e a patrulha literária

O projeto *Amores Expressos* foi anunciado pela primeira vez em 17 de março de 2007, na *Folha de S. Paulo*, em matéria do repórter Cadão Volpato intitulada “Bonde das letras”. A reportagem informava que um grupo de 16 autores brasileiros⁸ - veteranos e novos - embarcaria para 16 cidades do mundo⁹ para escreverem histórias de amor nelas ambientadas e sugeria o deslumbramento que uma iniciativa dessas - um mês de viagem internacional com tudo pago - causaria na vida de um escritor nacional que normalmente só tem “um dia de príncipe por mês”.

Depois de tal temporada, os autores teriam ainda a chance de publicar suas histórias numa das maiores editoras do país, a Companhia das Letras. O texto informava ainda que o projeto fora idealizado pelo produtor cultural Rodrigo Teixeira (juntamente com o escritor João Paulo Cuenca), e que o custo, cerca de R\$ 1,2 milhão de reais, seria financiado com recursos provenientes da *Lei Rouanet* (nº 8.313) de incentivo à cultura.

A reportagem dizia ainda que o formato desses romances seria preferencialmente cinematográfico, para que eles pudessem ser eventualmente adaptados para a sétima arte. Os títulos seriam publicados ao longo de quatro anos, de acordo com o interesse da editora, e uma equipe de filmagem acompanharia cada um dos escritores-viajantes por três dias a fim de montar documentários em que falariam da viagem, do processo de criação e da relação deles com o amor.

No dia seguinte, dia 18/03/2007, a *Folha* publicou carta do escritor paulista radicado no Rio Marcelo Mirisola¹⁰, que ficou fora do projeto, questionando o

⁸ Matérias publicadas posteriormente anunciam 17 autores. André de Leones, participante do projeto, informou por e-mail que Marçal Aquino deixara o projeto, por conta de compromissos pessoais, e fora substituído de última hora por outros dois escritores: Paulo Scott e Daniel Pellizzari.

⁹ Os autores e as cidades selecionadas foram: Adriana Lisboa (Paris), Daniel Galera (Buenos Aires), André de Leones (São Paulo), Lourenço Mutarelli (Nova York), João Paulo Cuenca (Tóquio), Joca Reiners Terron (Cairo), Cecília Giannetti (Berlim), Sérgio Sant’Anna (Praga), Reinaldo Moraes (Cidade do México), Paulo Scott (Sidney), Antônia Pellegrino (Bombaim), Daniel Pellizzari (Dublim), Bernardo Carvalho (São Petersburgo), Antonio Prata (Xangai), Chico Mattoso (Havana), Amílcar Bettega (Istambul) e Luiz Ruffato (Lisboa).

¹⁰ Marcelo Mirisola é autor dos livros *Fátima fez os pés para mostrar na choperia* (1998) e *Proibidão* (2008), entre outros. É conhecido por suas críticas às ‘panelinhas’ e eventos literários <http://colunas.g1.com.br/maquinadeescrever/2008/11/22/entrevista-marcelo-mirisola/> (Acesso - Dez / 2009).

critério de escolha dos autores e denunciando uma possível mania endêmica brasileira de confundir o público com o privado.

Vou reunir meus amigos de farra e pleitear uma grana da Lei *Rouanet*. Foi isso o que Rodrigo Teixeira e o escritor João Paulo Cuenca fizeram - e conseguiram R\$ 1,2 milhão (“Bonde das letras”, *Ilustrada*, 17/3). E, pra coisa não ficar tão ostensivamente chapabrancas, incluírei - além de mim- um ou dois figurões acima de qualquer suspeita no cardápio. Depois, basta procurar um editor generoso e idealista. Se for sócio de um banco, melhor. Só faltou um dado à reportagem: cada “escritor” embolsará R\$ 10 mil, além de estadia, passagens e traslados ao redor desse mundão de Deus. Um mês de vida boa. Espero que escrevam grandes livros e relatem suas experiências na festa de Paraty do próximo ano. Assim é que se faz literatura no Brasil.

Apesar de provocativa e irônica, a questão levantada por Mirisola não aponta para nenhuma irregularidade do projeto e sim para ‘ideologia do favor’, tão marcante nas relações nacionais. É Roberto Schwarz, em *As ideias fora do lugar*, quem afirma que a colonização brasileira produziu três classes na população: a do latifundiário, a do escravo e a do “homem livre”. Esta última categoria sobreviveria na base do favor concedido pela primeira.

Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional [...] esteve presente por toda parte, combinando-se as mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte, etc. [...] E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto (Schwarz, 2000, p. 16).

O texto de Schwarz conclui que enquanto nos países ‘berço’ do liberalismo vigoraria a universalidade da lei, da cultura desinteressada, da remuneração objetiva, no Brasil – onde as ideias estariam ‘fora do lugar’ – se perpetuaria o mecanismo do favor, ou do compadrio como acusa Mirisola.

Três dias depois, no entanto, quem é ironizado por ter se beneficiado da prática da troca de favores é o próprio Mirisola. O escritor Sérgio Sant’anna, que iria a Praga pelo projeto, veicula a seguinte carta no blog *Todo Prosa*, à época hospedado no extinto site *No mínimo*:

Meu caro Mirisola, você se esqueceu de que no ano passado me pediu uma carta de recomendação para uma bolsa da Secretaria de Cultura de São Paulo, para ser sustentado, só escrevendo, durante um ano? Não se lembra de que recomendei você como uma verdadeira sumidade de nossas letras? Será que o seu ressentimento de agora é por se considerar um bolsista municipal, enquanto outros vão escrever, como eu, em lugares lindos e que inspiram amores, como Praga? Mas concordo que você foi injustiçado, não sendo incluído em Amores Expressos. Sugiro que essa injustiça seja reparada e você vá escrever uma história de amor na Transilvânia. Abraços. Sérgio Sant'Anna¹¹.

Na semana seguinte, dia 24 de março, outra matéria foi publicada no mesmo jornal com o título “Bonde do barulho”, escrita por Eduardo Simões e Sylvia Colombo. Nela, os repórteres relatam que escritores e blogueiros ao longo da semana tinham inundado a internet com acusações acerca de três pontos: supostamente reunir apenas amigos dos organizadores; a temática do amor, por ser um tema batido; e o fato de o projeto usar dinheiro público para financiar viagens internacionais, a princípio desnecessárias.

Em relação à escolha dos autores, Rodrigo Teixeira alega que “ninguém questiona um diretor de cinema sobre quais artistas vai usar no seu filme”. João Paulo Cuenca defende-se dizendo: “Quem dera eu fosse amigo pessoal de escritores como Sérgio Sant'Anna e Bernardo Carvalho, que admiro profundamente. O André de Leones eu nunca vi. Com o Ruffato eu devo ter me encontrado duas vezes. Também não chamaria inimigos. Ninguém quer trabalhar com inimigos”. Ainda na mesma reportagem (24/03/2007) Mirisola replica: “Digo e repito, o critério é compadrio”.

As acusações sobre as escolhas dos autores são, no entanto, infundadas, pois não há qualquer determinação na Lei *Rouanet* que impeça o proponente de chamar conhecidos, parentes ou quem bem entender. Em verdade, as relações de trabalho no Brasil são constituídas quase sempre através da indicação de profissionais em quem se pode confiar, a menos que haja um processo de seleção ou concurso, o que não faz parte das condições impostas por esta Lei.

A questão da temática do amor foi outro fator de discórdia, considerada por muitos críticos ao projeto como um tema clichê. Para João Paulo Cuenca, o desafio estaria justamente aí: “A Adriana Lisboa vai ter que inventar uma história de amor que não seja clichê”, disse a respeito da autora cujo destino era Paris. E

¹¹ <http://colunistas.ig.com.br/sergiorodrigues/2007/03/21/com-a-palavra-srgio-santanna/comment-page-8/> (Acesso - Nov. / 2008)

prossegue: “Nenhum deles vai escrever uma *love story* açucarada. Você consegue ver o Mutarelli fazendo algo assim?”¹²

Apesar de essa temática ser uma cláusula do contrato do *Amores Expressos* com os autores, nenhum deles parece ter sido obrigado a abordar o amor heterossexual, idealizado e com final feliz, tal como o tema era abordado pelas narrativas fundacionais. A ensaísta norte-americana Doris Sommer já havia percebido em tais narrativas da América Latina uma dupla construção daquilo que se pretendia representar: o amor romântico e o patriotismo. Para a autora, escritores e leitores pressupunham uma espécie de tradutibilidade entre história de amor e as exigências dos estados recém-estabelecidos (SOMMER, 1989, p. 1). Para ela, o objetivo dos romances fundacionais era vencer no amor e na política.

Nessa produção de romances, cada obstáculo que os amantes encontravam fazia crescer mais o seu desejo de ser um casal, fazia crescer também o seu/nosso amor pela possível nação em que a relação poderia se consumir. “O desejo entrelaça a família individual e pública de uma maneira que mostra que os termos são contíguos, coextensivos e não meramente análogos”. Nessas narrativas, os únicos problemas seriam externos ao par romântico.

Uma vez que o casal se confronta com o obstáculo, o desejo é reforçado juntamente com a necessidade de superá-lo e consolidar a nação [...] Nesses épicos sentimentais o par romântico é a nação em microcosmo. As frustrações dos amantes são os obstáculos ao desenvolvimento nacional assim como o amor correspondido já é o movimento fundador (Idem, p.14).

Para Sommer, tanto o amor romântico quanto o patriotismo, equivocadamente tomados como naturais, são na verdade construções históricas, talvez construídas pelos próprios romances que se propunham representá-las (Idem, p.15).

As narrativas publicadas até o momento (Janeiro / 2010) pelo projeto *Amores Expressos* parecem negar duplamente a dobradinha das narrativas fundacionais: o patriotismo e o amor romântico. É possível mesmo ver o seu

¹² Em 08/05/2008 o *Globo Online* veiculou a matéria “Livros e documentários voltam na bagagem de viagem de 17 escritores brasileiros que participaram do projeto Amores Expressos”, que informa que o romance de Lourenço Mutarelli, cujo destino fora Nova York (ainda não publicado), narraria a história de um jovem norte-americano que se apaixona por uma latina, para desgosto de seu pai preconceituoso. O pai estupra a namorada do filho, num dia em que consegue ficar sozinho com a garota, e ela passa a manter, então, um relacionamento paralelo com pai e filho. Trata-se de uma história de amor que foge dos padrões românticos (Acesso - Nov. / 2008).

avesso: o amor fugaz que se desfaz rapidamente diante dos obstáculos, e o enfraquecimento da ideia de nação.

Desse modo, a temática do amor, que poderia tornar-se piegas, como temiam os críticos ao projeto, é apenas um mote capaz de se desdobrar em inúmeras histórias originais ou não. O romance *Cordilheira*, de Daniel Galera, por exemplo, trata de um pacto macabro, entre uma escritora brasileira e um escritor argentino. Ela quer um filho, ele quer que ela seja o agente da sua morte (dele). O romance *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho, trata duas esferas de amor nada clichê: o amor homossexual entre um refugiado de guerra e um recruta desertor e a desconstrução do mito do amor materno como algo incondicional. Já Ruffato aborda mais a solidariedade entre imigrantes do que uma relação conjugal propriamente dita. Enfim, o mote parece não ter sido limitador.

Em relação à renúncia fiscal, a matéria da *Folha* (24/03/2007) informava que não havia nada de irregular no modo como Rodrigo Teixeira encaminhou o projeto. O que, porém, não evitou que chovessem ataques contra ele. O editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, dizia acreditar ser um uso positivo da lei. “O que há de errado em usá-la para viabilizar a obra de novos autores, numa área em que os recursos são poucos?”. Mas o escritor Ademir Assunção - que em 2005 entregou ao MINC (Ministério da Cultura) um documento, intitulado *Literatura Urgente*, pedindo fomento à produção literária - dizia que o projeto era mercadológico e que o dinheiro público só deveria ser usado para financiar a participação de autores em feiras de livros ou debates em universidades do exterior.

Em 21/03/2007, no blog do suplemento *Prosa & Verso*¹³, do jornal *O Globo*, Mânia Millen lembra que a Lei de incentivo à cultura admite a captação de recursos para projetos de literatura. Segundo a jornalista, na teoria, qualquer escritor pode recorrer ao incentivo para tentar editar sua obra e conta que, apesar disso, poucos projetos literários pleiteiam esse recurso. “É mais comum ver livro de arte do que de ficção com apoio da Lei *Rouanet*”.

Em 08/05/2008, o *Globo Online* veiculou uma matéria “Livros e documentários voltam na bagagem de viagem de 17 escritores brasileiros que participaram do projeto Amores Expressos”, informando que o produtor Rodrigo

¹³ <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/default.asp?a=96&periodo=200703> (Acesso - Nov. / 2008).

Teixeira havia desistido das leis de incentivo, após a polêmica em torno do projeto, assumindo metade dos custos, a outra metade tendo sido assumida pela Companhia das Letras, o que parece ter acalmado os ânimos dos opositores.

Creio que a grande questão levantada pelos críticos ao projeto não é se o escritor profissional deve ou não receber incentivo para escrever romances. Todos parecem concordar com a importância do apoio ao trabalho intelectual, seja diretamente ou através de dispositivos de incentivo fiscal. A querela parece girar em torno das viagens internacionais pagas com dinheiro público. E se elas são ou não importantes para o fomento da produção literária nacional.

Neste sentido, se pensássemos que Machado de Assis, senão o maior, um dos mais respeitados escritores brasileiros, nunca saiu do país e pouco esteve fora da cidade - por motivo de saúde, quando passou uma temporada em Nova Friburgo (PEREIRA, 1936, p. 188.) -, poderíamos chegar à conclusão de que o financiamento público de tais viagens é inteiramente dispensável. Até porque uma vez que a Companhia das Letras não assegurava a publicação dos romances, de que valeria para o fomento à cultura brasileira a estada de um escritor nacional por um mês fora do país?

Como é possível ler na correspondência de Machado com o amigo Magalhães de Azeredo¹⁴, publicadas por Luis Viana Filho no livro *A vida de Machado de Assis*, o autor de *Dom Casmurro* evitava viagens a qualquer custo: “eu não conheço belas cidades estrangeiras e depois falo da minha terra natal, e a minha terra natal, mesmo que seja uma aldeia, é sempre o paraíso do mundo”. E ainda: “Não creio já na possibilidade de ir ver o resto do mundo. Aqui nasci, aqui morrerei; terei conhecido apenas duas cidades, a da minha infância e a actual, que na verdade são bem diversas” (FILHO, 1984, p. 150).

O etnólogo francês Marc Augé, no livro *Pour une anthropologie de la mobilité* diz acreditar que na verdadeira democracia, a mobilidade do espírito (essa pela qual se transportou Machado de Assis sem sair da sua cidade) deveria ser o ideal absoluto, a primeira obrigação. “Quando a lógica econômica fala de mobilidade, é para definir um ideal técnico de produtividade. É o ponto de vista inverso ao que deveria inspirar a prática democrática” (livre tradução de AUGÉ, 2009, p. 90).

¹⁴ Poeta, diplomata e também membro da Academia Brasileira de Letras.

Nas reportagens o co-produtor do *Amores Expressos*, João Paulo Cuenca procura justificar as viagens com argumentos meramente comerciais, como a curiosidade que uma cidade como Tóquio poderia gerar nos leitores e a identificação que os autores podem ter com as cidades escolhidas, como, por exemplo, Sérgio Sant’Anna tem com Praga, onde morou na histórica primavera de 1968 (“Bonde do barulho”, *Folha de S. Paulo*, 24/03/2007).

A seleção de cidades tão turísticas irritou os críticos do projeto: os escritores Ricardo Lísias¹⁵ e Marcelo Mirisola questionaram o fato de os autores não terem escolhido lugares mais inóspitos como a Faixa de Gaza, a África negra e a favela Cité du Soleil, no Haiti (Idem).

Pensar se os autores deveriam viajar para destinos turísticos ou lugares menos nobres me parece pouco produtivo, porque parece claro que a qualidade de um trabalho literário não passa, como comprova a experiência de Machado de Assis, pelo cenário em que se reproduz ou, sequer, pelo deslocamento espacial do autor. No entanto, acredito que a experiência de uma viagem, seja ela qual for, pode trazer reflexões bastante sensíveis e profícuas. Não à toa o tema da viagem, da condição de viajante, do exilado tem ocupado críticos literários e intelectuais como Edward Said (*Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* – 2003), Marc Augé (*Pour une anthropologie de la mobilité* - 2009), Nelson Brissac Peixoto (*Cenários em ruínas* - 1987), Michel Onfray (*Teoria da viagem*, 2009) e Julia Kristeva (*Estrangeiros para nós mesmos*, 1994).

Mas o que me interessa aqui é apontar para o contraste das discussões literárias de hoje e de ontem. Como se pode notar a partir das reportagens e dos blogs aqui mencionados, nada se disse a respeito de o projeto não contemplar cidades brasileiras, como seria provável que se fizessem críticos românticos como Gonçalves de Magalhães e José de Alencar, que julgavam que a literatura nacional tinha que se fazer a partir da representação da cor local.

Para os modernistas, a vida cultural e as paisagens brasileiras também eram ingredientes elementares para a produção literária que quisesse se inserir na modernidade. Eles retomaram em certo sentido o projeto romântico de retratar a cor local organizando também viagens, mas estas rumo ao interior do país. Em 1924, por exemplo, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e o

¹⁵ Ricardo Lísias é autor de *O livro dos mandarins* (Alfaguara, 2009)

poeta franco-suíço Blaise Cendrars fizeram uma histórica viagem às cidades coloniais mineiras e lá “descobriram” preciosidades da arte nacional como o trabalho do Aleijadinho.

O que pretendo considerar é que se hoje a “patrulha” – comandada por jornalistas, editores, blogueiros e escritores contemporâneos - questiona os projetos literários no que diz respeito a quem pegou ou quem perdeu o “bonde”, se o bonde tinha muitos benefícios ou não, se era movido a dinheiro público ou não, em outros tempos, no século XIX e início do XX, a patrulha monitorava a origem do bonde, se o bonde ia percorrer autênticas paisagens brasileiras ou não, se ele transportava índios, negros, mestiços, ou seja, se o bonde tinha a cara do Brasil.

A partir das discussões que envolvem este empreendimento literário fica ainda mais patente que a representação da nação e a construção do imaginário nacional não ocupam mais o centro de um sistema de significação nem para a crítica e leitores, nem para escritores nacionais, como ocupou nos períodos romântico e modernista. Como já concluíra Roberto Schwarz no ensaio *Nacional por subtração*, com a invasão estrangeira pós-comunicação de massa, tais discussões, fazem papel de velharia (SCHWARZ,1987, p. 34).

3.1. Relatos de viagem e a condição de estrangeiro

A literatura mundial está cheia de exemplos da aventura da viagem, desde a *Odisseia*, passando pelos *Lusíadas*, mas mais propriamente o *Milênio* de Marco Pólo ou cronistas dos grandes descobrimentos e viagens de colonização e catequese, como Pero Vaz, as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto ou os relatos de um Hans Staden, um Jean de Léry, André Thevet, para ficarmos apenas entre os pioneiros “brasilianistas”. Além, naturalmente das missões acadêmicas, como as de Spix e Von Martius ou, já no século XX, Lévi-Strauss, que, para além de seus interesses específicos, não deixam de ser também literatura de viagem. O tema da viagem ocupa, então, “espaço privilegiado na escrita nos mais variados registros: desde o relato de viagem propriamente dito, até a viagem ficcionalizada, passando pela escrita que envolve a experiência etnográfica” como afirma Claudete Daflon dos Santos, em sua tese de doutoramento, *A viagem e a escrita – uma reflexão sobre a importância da viagem na formação e produção intelectual de escritores-viajantes brasileiros* (SANTOS, 2002, p. 28).

O projeto *Amores Expressos* trabalha com dois tipos de registro, sendo o principal deles os romances a serem lançados pela Companhia das Letras, nos quais as viagens apareceriam de forma ficcionalizada. Mas há também uma primeira etapa do projeto, na qual os escritores contemplados deveriam, por cláusula contratual, relatar suas experiências de viagem em blogs criados especificamente para isso, hospedados no site: www.amoresexpressos.com.br.

Alguns desses blogs, mantidos principalmente durante o período em trânsito, funcionaram mesmo como diário de bordo, como o de Adriana Lisboa, por exemplo, em que a autora conta o seu dia a dia em Paris, os lugares que visitou, exposições a que assistiu e impressões de viagem; outros, porém, serviram de exercício para a construção dos romances, como o de Antônio Prata, que a certa altura deixa o leitor sem saber o que é realidade e o que é ficção; outros ainda funcionaram como lugar para reflexão sobre a condição de estrangeiro, como os de Almicar Bettega e também o de Antônio Prata. Há também aqueles que foram

pouco atualizados e pouco contribuíram para informar sobre a experiência da viagem e da escrita do romance, como os de Cecília Giannetti e de Luiz Ruffato¹⁶.

De um modo geral os blogs de *Amores Expressos* registram uma multiplicidade de informações desordenadas: aquilo que Michel Onfray, em *Teoria da viagem*, chama de “profusão de flechas, de solicitações, de fogos em feixe”. “O corpo se abre à experiência, registra e armazena o difuso, o diverso” (ONFRAY, 2009, p. 50). Navegando pelos relatos de viagem comemos *noodles* em Xangai, avestruz em Praga, *nachos* na Cidade do México, bebemos muito absinto, chá e cerveja Suntory. Fugimos de ladrões em grandes avenidas como a Niévski, na São Petersburgo de Bernardo Carvalho, e procuramos cervejas acessíveis (menos de 8 euros) na Champs Elisées de Adriana Lisboa. Conhecemos biroskas em Tóquio, onde podemos ter a nossa própria garrafa de whisky, e passamos uma tarde num café eslovaco outrora frequentado por Kafka.

São trabalho árduo as exposições a que assistimos (Andy Warhol, Picasso) museus que visitamos (Hermitage; D’Orsay); castelos (de Praga, de Saumur); catedrais (de São Vito); concertos de Mozart, shows de bandas internacionais como RATM, Pat Metheny e Brad Mehldau; frequentamos livrarias e conhecemos novos escritores como os australianos David Rowbotham e Luke Davies.

Não menos duros são os passeios ecológicos que fazemos pelo Himalaia de Antônia Pellegrino e pelo Ushuaia de Daniel Galera.

Descobrimos hábitos exóticos como o de pendurar linguça no ar-condicionado em Xangai; andar por galerias subterrâneas como os japoneses; manter granjas e currais em edifícios degradados no centro urbano do Cairo; e a curiosa maneira como os cubanos organizam suas filas.

A fila cubana está baseada num sistema primário de comunicação. Ao chegar, o sujeito pergunta à multidão quem é o último. Este levanta a mão, o que é suficiente para que ambos se localizem e, assim, se elimine por completo a necessidade de enfileiramento, liberando as pessoas para que façam o que quiserem enquanto esperam por sua vez — e pronto¹⁷.

¹⁶ Luiz Ruffato “postou” apenas quatro comentários alegando que não tem vocação para blogueiro: “não vejo nada de interessante que possa ser comunicado aos outros [...] sinto que em minha vida de viajante nada corre de interessante”. <http://blogdoruffato.blogspot.com/post-10/07/2007> (Acesso: Nov / 2009).

¹⁷ [HTTP://blogdochicomatoso.blogspot.com/post-16/07/2007](http://blogdochicomatoso.blogspot.com/post-16/07/2007) (Acesso: Nov. / 2009).

Conhecemos excentricidades dos transportes como os coco-táxis de Cuba (uma espécie de táxi-triciclo), o trânsito caótico da Índia e o fato de não haver ponto fixo de ônibus em São Petersburgo, de modo que quando o passageiro quer descer ele precisa gritar em russo. Com isso, diz Bernardo Carvalho em seu blog, “só desço quando o motorista (ou outro passageiro) quer – e tenho de fazer o caminho de volta a pé”¹⁸.

Sentimos com os autores as dificuldades das línguas como conta Antônio Prata sobre a tentativa de conversa com um amigo chinês muito gentil e solícito.

A coisa definitivamente não anda, é como ir de São Paulo ao Rio em primeira. Passando por Belo Horizonte, usando cachaça como combustível. Se Leo me entendesse, eu poderia pegar um palito na mesa e começar a quebrá-lo, dizer, olha, Leo, não é você, somos nós dois, eu acho que essa relação não tá indo pra frente, entende? Sinto que tem uma barreira entre nós e acho que a gente não vai superar essa barreira, sabe? Provavelmente ele iria me olhar com essa mesma cara que me olha e eu o olho e perguntar:

- Banheira?

Pedimos a conta logo depois. Certas banheiras linguísticas são mais intransponíveis que a Migalha da China¹⁹.

No aeroporto de Dublin somos barrados com Daniel Pellizzari que só consegue convencer o funcionário da imigração de que não é um imigrante ilegal e sim um viajante a trabalho quando lhe revela ser escritor. Por ser formado em Letras, o carrancudo funcionário dá lugar a “um irlandês realmente simpático e bem falante, deveras empolgado em discutir literatura. Falamos de Swift, Beckett, Wilde, Joyce, Yeats, O'Brien. Sobrou até pro Roddy Doyle”²⁰

Ficamos sabendo, por exemplo, que o romance de André de Leones sobre a cidade de São Paulo, com o título provisório *Como desaparecer completamente*, foi rejeitado pela Companhia das Letras. “Torçam pelos outros autores. Especialmente por aqueles que não forem ‘autores da Companhia’ (risos)”²¹. Sabemos que o livro de Cecília Giannetti se chamará *Café fatal*; e vemos algumas histórias se materializarem, como a de Paulo Scott, que decide escrever sobre o companheirismo: “isso de segurar a pior barra, a pior rebentação mesmo que haja tão pouco de história e tempo entre os dois” Chegamos a conhecer através de foto a fachada da casa da protagonista em Sidney²².

¹⁸ [HTTP://blogdobernardocarvalho.blogspot.com/](http://blogdobernardocarvalho.blogspot.com/) - post 12/09/2007 (Acesso: Nov. / 2009).

¹⁹ [HTTP://blogdoantonioprata.com.br](http://blogdoantonioprata.com.br) post- 8/5/2007 (Acesso: Nov. / 2009)

²⁰ [HTTP://blogdodanielpellizzari.blogspot.com/](http://blogdodanielpellizzari.blogspot.com/) post - 03/10/2007 (Acesso: Nov./ 2009)

²¹ [HTTP://blogdoandreleones.blogspot.com](http://blogdoandreleones.blogspot.com) - post - 10/01/2009 (Acesso: Nov. / 2009)

²² <http://blogdopauloscott.blogspot.com/> - post - 16/02/2008 (Acesso: Nov. / 2009)

Flanamos pelas mais diversas avenidas, ruas, ruelas e pontos turísticos como fantasmas, em silêncio, observando pessoas, diálogos, fachadas, culturas. Desse modo, acompanhamos cada um dos autores em suas experiências numa cultura estrangeira. As dificuldades com a língua, hábitos, fusos, saudades de casa, entre outros percalços.

Porém, como dito anteriormente, alguns autores vão um pouco além dos relatos de viagem e tratam mais subjetivamente da condição de viajante. Esgotado o cotidiano, “absorvidas as miríades sensuais”, nas palavras de Michel Onfray, alguns viajantes conseguem ordenar, traçar nesse bloco de emoções e aventuras, linhas de força, produzindo sentido, ao registrarem através da escrita esse conjunto disperso de experiências. Alguns fixam “o que fica nos músculos, nas articulações, no sangue, debaixo da pele, nas cadências da respiração” (ONFRAY, 2009, p. 51).

O escritor Almicar Bettega, por exemplo, cujo destino foi Istambul, desenvolve um longo ensaio no qual problematiza a incompatibilidade entre a cidade imaginada (via fotografias, guias, sites, livros) e a cidade apreendida (sendo esta diferente para cada um dos viajantes). Para o autor, essa incompatibilidade causa uma vertigem no viajante: “como se sobrepuéssemos dois mapas da mesma cidade que não coincidem nunca”²³.

Ao contrário de comentar os tradicionais pontos turísticos da capital turca – a silhueta chapada de suas colinas e mesquitas majestosas, suas cúpulas e minaretes – o autor privilegia, como Augusto, personagem do célebre conto de Rubem Fonseca sobre a cidade do Rio de Janeiro²⁴, a arte de andar pelas ruas de Istambul.

Se até aqui, nesse blog, as informações objetivas sobre Istambul são raras é porque julgo-as inúteis. Mesmo descrevendo Istambul, não sei se eu estaria contribuindo para que vocês conhecessem a cidade [...] Nada se compara ao sentimento de perder-se em suas ruas, ruelas e mesmo nas artérias mais importantes. Sair, nos primeiros dias, logo nos primeiros instantes, caminhar o máximo possível, entrar na cidade sob o efeito da vertigem inicial, deixar-se absorver por ela — é o que de melhor pode ser feito quando se chega numa cidade²⁵.

²³ [HTTP://www.blogdoalmicarbettega.blogspot.com/](http://www.blogdoalmicarbettega.blogspot.com/) - post: 5/6/2007 (acesso Nov. / 2009).

²⁴ FONSECA, Rubem. *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

²⁵ ([HTTP://www.blogdoalmicarbettega.blogspot.com/](http://www.blogdoalmicarbettega.blogspot.com/) - 5/6/2007 acesso: Nov. / 2009).

Como bem define Michel Onfray, a viagem é uma ocasião para ampliar os cinco sentidos: sentir e ouvir mais vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar ou tocar com mais atenção. O corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados que de costume. Como o viajante se percebe menos preso aos detalhes do cotidiano, a viagem acaba sendo uma intimação a funcionar sensualmente por inteiro. “Emoção, afeição, entusiasmo, espanto, interrogação, surpresa, alegria e estupefação: tudo se mistura no exercício do belo e do sublime, do despaisamento²⁶ e da diferença” (ONFRAY, 2009, p. 50). No entanto, é necessário ao viajante, uma certa inocência para que ele possa mergulhar na nova cultura como um etnólogo (sem verdades pré-concebidas) e não como um missionário (que vê a cultura alheia com o filtro da sua). Ele propõe uma arte de viajar inspirada na perspectiva nietzscheana:

nada de verdades absolutas, mas verdades relativas, nada de padrão métrico ideológico, metafísico ou ontológico para medir as outras civilizações, nada de instrumentos comparativos que imponham a leitura de um lugar com os referenciais de um outro, mas a vontade de deixar-se preencher pelo líquido local, à maneira de vasos comunicantes (Idem, p. 57).

Para Onfray, viajar requer menos o espírito missionário, nacionalista, eurocêntrico e estreito, do que a vontade etnológica, cosmopolita, descentrada e aberta. Enquanto o turista compara, o viajante separa. Enquanto o primeiro permanece a porta de uma civilização, toca de leve sua cultura e se contenta em apreendê-la de longe, como espectador engajado, militante de seu próprio enraizamento, o segundo procura entrar num mundo desconhecido, sem intenções prévias, como espectador desengajado, buscando nem rir, nem chorar, nem julgar, nem condenar, nem absolver nem lançar anátemas, mas pegar pelo interior, que é compreender, segundo a etimologia (Idem, p. 58-59).

Quem parece ter viajado com aquele espírito missionário é a contista Antônia Pellegrino, que em seu relato virtual reclama dos banheiros sem cortinas da Índia, do trânsito caótico, do modo como os homens a olham nas ruas, e da noção de higiene dos indianos, que segundo a autora “é sem noção”. Ela diz acreditar que “há indianos interessantes, sobretudo entre os círculos intelectuais” ou nas “classes mais altas”. “Na melhor das hipóteses, a banda boa corresponde a 10% da população - que não pode nada contra os mais de 1 bilhão da banda pobre”²⁷, critica. Num discurso inconseqüente, a autora reclama ainda do fato de os indianos – 1bilhão e 200 mil – não estarem a par do aquecimento global enquanto cada um dos suecos – 9 milhões – procura fazer a sua parte. Ela se

²⁶ O tradutor optou por adaptar literalmente a expressão francesa *dépaysement*.

²⁷ ([HTTP://www.blogantoniapellegrino.blogspot.com](http://www.blogantoniapellegrino.blogspot.com) post - 5/11/2007 (Acesso Nov. / 2009).

pergunta o que fazer diante desse quadro e responde: “- Torcer pra cair uma bomba atômica sobre essa gente”²⁸. Mais do que uma postura missionária, o comentário de Antônia Pellegrino é belicista e assusta o leitor desavisado, mais afeito a um pensamento multicultural, que busca compreender a diferença em vez de condená-la.

Já Almicar Bettega parece ter viajado com a postura etnológica, procurando se inserir na cidade. No ensaio já citado, ele relata que numa sucessão de escolhas pessoais do viajante, a cidade pode aceitá-lo, ou não, de um modo único, personalizado, diferente do tom “pasteurizado” dos guias turísticos ou dos relatos dos missionários. A vertigem inicial causada pela incompatibilidade de mapas acaba depois de alguns dias, e o viajante passa a se orientar na cidade. “Você continua um tanto perdido, você continua, obviamente, a ser um estrangeiro na cidade, mas alguma coisa ali já lhe é familiar”²⁹. Os trajetos, os edifícios, as ruas e os lugares deixam de ser ‘fantasiados’ como no período anterior à viagem e começam a ser ‘re-conhecidos’. Soma-se aos mapas e guias a experiência pessoal dos primeiros dias e se produz um terceiro mapa, uma cartografia pessoal que mais tarde vai sofrer a alteração do tempo e da memória produzindo ainda outras cartografias.

Assim como Bettega, João Paulo Cuenca comenta em seu blog a condição de estrangeiro e diz sentir um outro tipo de vertigem, não só quando está viajando, mas também na sua própria cidade natal, o Rio de Janeiro. “Andando em Copacabana, Belford Roxo ou Shinjuku o sentimento de alienação e estranheza é exatamente o mesmo”³⁰. Ele reconhece sentir que não pertence a nenhum lugar específico e que o prazer que há em viajar “passa por sentir-se estrangeiro quando se realmente é. De certa forma, um alívio”³¹.

Na mesma linha de raciocínio, de sentir-se estrangeiro em qualquer lugar, o filósofo Vilém Flusser, nascido em Praga, mas que viveu na França, Itália e Brasil, já havia escrito, como registra Adriana Lisboa em seu blog, que

²⁸ Idem.

²⁹ ([HTTP://www.blogdoalmicarbettega.blogspot.com/post - 5/6/2007](http://www.blogdoalmicarbettega.blogspot.com/post-5/6/2007) (Acesso - Nov. / 2009).

³⁰ ([HTTP://blogdocuenca.blogspot.com post - 5/5/2007](http://blogdocuenca.blogspot.com/post-5/5/2007) (Acesso - Out. / 2009)

³¹ Idem.

Estrangeiro (e estranho) é quem afirma seu próprio ser no mundo que o cerca. Assim, dá sentido ao mundo, e de certa maneira o domina. Mas o domina tragicamente: não se integra. O cedro é estrangeiro no meu parque. Eu sou estrangeiro na França. O homem é estrangeiro no mundo³².

Para Onfray e para Julia Kristeva³³ o estranhamento que uma viagem acarreta em nós tem a ver com os exercícios dos antigos filósofos: o que é possível saber de si numa viagem?

Por um lado é agradável e interessante expatriar-se para abordar outros climas, mentalidades, regimes; mas por outro lado e acima de tudo, esse deslocamento somente é feito com a finalidade de voltar a si mesmo e para a sua casa, para julgar ou rir dos nossos limites, de nossas estranhezas, de nossos despotismos mentais ou políticos. O estrangeiro torna-se então a figura na qual se delega o espírito perspicaz e irônico do filósofo, o seu duplo, a sua máscara (KRISTEVA, 1994, p.140).

O que resta da nossa identidade quando são suprimidos vínculos sociais, comunitários, tribais, quando nos vemos sozinho, ou quase, num ambiente hostil ou pelo menos inquietante, perturbador, angustiante?, pergunta o viajante-filósofo de Onfray. Nas viagens, responde o autor, restamos nós mesmos: “Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca” (ONFRAY, 2009, p. 75). Nem ódio, nem celebração de si, prossegue, mas uma justa estima que permita trabalhar sobre o nosso ser como sobre um objeto estranho. Toda viagem é, então, iniciática: “antes, durante e depois se descobrem verdades essenciais que estruturam a identidade” (Idem, p. 76).

Assim, diante de nós mesmos, somos obrigados a nos olhar e “mergulhamos mais profundamente em nosso centro de gravidade, na medida em que nos falta o outro para nos distrair de nossa presença” (Idem, p. 79). Fora de casa, no exercício do nomadismo, o primeiro estranho com quem deparamos somos nós mesmos. Permanentemente em todas as esquinas, em toda parte, nosso personagem busca a ordem íntima (ONFRAY, 2009, p. 80).

A subjetividade e o perguntar filosófico sobre a condição de viajante também estão presentes no pensamento de Antônio Prata, que reflete em seu blog sobre as fragilidades da interação homem-mundo, através das metáforas do homem aranha (aquele que se move por teias de significado e pertencimento) e do

³² [HTTP://blogdaadrianalisboa.blogspot.com/post-12/07/2007](http://blogdaadrianalisboa.blogspot.com/post-12/07/2007) (Acesso - Out. / 2009)

³³ Professora, ensaísta e psicanalista búlgara.

caubói (que não cria raízes). O autor conta que certo dia resolveu sair andando pelas ruas de Xangai sem roteiros e guias: “Chegou a hora de parar de tentar me encontrar e começar a me perder. Só quero saber do turismo que seja libertação!”³⁴. “Foi Walter Benjamin quem disse que o único jeito de conhecer uma cidade era perdendo-se nela?”³⁵ E disserta, então, sobre a teia cultural que há entre nós e o mundo.

A gente olha para as coisas e dá sentido a elas. É como se a gente atirasse fios de significado, como o Homem Aranha faz, e dissesse panela, zupt!, mãe, zupt! [...] e aos poucos temos a teia de significados sob nossos pés e por ela nos movemos [...] Eu significo tudo, logo tudo me significa. Sei o que sou e sou o que sou pelos pontos onde minha teia está grudada. Ser estrangeiro, estar num país tão diferente, mesmo que por pouco tempo, é como andar sem a teia [...] Nós, aranhas, queremos a teia. Queremos significado. Em poucos dias já estou grudado ao quarto, à lojinha da esquina, aos recém conhecidos. Há pontes de significado e afeto entre mim e o mundo. Poucas, frágeis, mas há³⁶.

O autor prossegue dizendo que, se não estabelecêssemos essas conexões, se não construíssemos essas identidades culturais, enlouqueceríamos, a não ser que fôssemos como os caubóis, que não precisam de ninguém, daí o fascínio por esses personagens.

“Não é porque eles sacam a arma mais rápido e matam os inimigos, é porque eles não precisam de ninguém. Carregam o mundo no bolso. Aranhas desgarradas, vão andando, indo, indo, em silêncio. É um herói ou um amaldiçoado?”³⁷, se pergunta o autor. Prata conclui, entretanto, que apesar de nos agarrarmos, como um homem aranha, “desesperadamente às coisas, às pessoas, aos amores (esse fio tão forte, o mais forte, talvez?)”, no fim estamos sós, “aqui, aí, em qualquer lugar”³⁸.

Esse sentimento de sentir-se estrangeiro em Shinjuku ou Copacabana, de que fala Cuenca, do homem ser estrangeiro no mundo, como sugere Flusser via

³⁴ Paródia ao verso de Manoel Bandeira “Não quero mais saber do lirismo que não é libertação”, do poema *Poética*, *Libertinagem*. BANDEIRA, Manoel. *Estrela da vida inteira – Mestres da literatura brasileira e portuguesa*, Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 1965).

³⁵ Essa passagem está no livro *Infância em Berlim por volta de 1900*, de Walter Benjamin.

³⁶ <http://www.blogdoantonioprata.blogspot.com/post-07/05/2007> (Acesso Nov. / 2009).

³⁷ <http://www.blogdoantonioprata.blogspot.com/post-07/05/2007> (Acesso Nov. / 2009).

³⁸ <http://www.blogdoantonioprata.blogspot.com/post-07/05/2007> (Acesso Nov. / 2009).

Adriana Lisboa, de que estamos sós aqui ou em qualquer lugar, nas palavras de Antônio Prata, enfim, essa sensação de não-pertencimento a lugar algum, típico dos errantes, de que falam os autores do *Amores Expressos* em seus respectivos blogs, também aparecem, de forma ficcionalizada, nos primeiros romances do projeto – *Cordilheira*, *O Filho da mãe* e *Estive em Lisboa e lembrei de você*. Neles, personagens de um mundo globalizado sentem-se duplamente descolados. Eles não se sentem acolhidos como gostariam nem nos destinos escolhidos, nem nos países de onde vieram, daí o subtítulo desse estudo, *narrativas do não-pertencimento*, em contraste com as narrativas fundacionais, marcadas pelo acolhimento da mãe-pátria.

Para Stuart Hall, em tempos de grandes diásporas, de uma maneira geral, os viajantes partem em busca de algo que não encontram e na volta para casa – quando voltam - não conseguem se religar a sua origem, pois como afirma Ian Chambers, “há sempre algo no meio” (*apud* HALL, 2009, p. 27). O paraíso perdido é, então, “uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada” (KRISTEVA, 1994, p. 18).

Sempre em outro lugar, o estrangeiro não é de parte alguma, é sempre um deslocado. Para Hall essa sensação de deslocamento é profundamente moderna e não precisamos viajar para muito longe para experimentá-la. “Talvez todos nós estejamos³⁹, nos tempos modernos – após a expulsão do paraíso, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* [sic] – literalmente não estamos em casa” (2009, p. 27).

Esse sentimento contemporâneo de desamparo e estranhamento com o outro e consigo contrasta com o conforto prometido pela fé religiosa das “comunidades sagradas” e pelo nacionalismo das “comunidades imaginadas”, que buscavam e ainda buscam respostas bastante imaginativas e tranquilizadoras às fragilidades do elo homem-universo.

Como ensina Benedict Anderson: “A fé religiosa declinou, mas o sofrimento que ela ajudava a apaziguar não desapareceu”. Com isso, poucas coisas se

³⁹ O tradutor usou o verbo sejam. A palavra em alemão é *Unheimlichkeit*.

mostraram mais adequadas a essa finalidade do que a idéia de nação, de pertencer a um lugar, uma tradição, um povo. (ANDERSON, 2008, p. 36 - 37).

Com o afrouxamento dos laços nacionais, entretanto, a literatura contemporânea de um modo geral, os blogs e os romances do *Amores Expressos*, em particular, não só deixam de responder a esse desamparo, como exploram a condição do sujeito 'à deriva'. Essa temática é, aliás, explorada à exaustão na literatura contemporânea "como se isso fosse a última novidade de todos os tempos", como observa Lúcia Helena no ensaio "Que globalização, que país, que literatura?" (2004, p. 32).

Se a viagem real (deslocamento espacial e físico) pode ampliar os cinco sentidos do viajante como sugere Onfray, o professor Sérgio Cardoso em belo ensaio sobre o olhar do viajante, acrescenta que é possível experimentar a condição de estrangeiro sem se deslocar espacialmente. Para ele, as viagens são sempre experiências de estranhamento, cujo núcleo essencial e sua expressão mais íntima estão no distanciamento. Essa experiência, no entanto, é erroneamente atribuída à simples estreiteza do entorno que localiza o viajante, cuja separação do seu universo o fariam sentir-se "deslocado". "Essa interpretação não leva em conta o sentido mais profundo da experiência da viagem, de que elas são essencialmente 'empreitadas no tempo'", pontua o professor, em sintonia com a colocação de Marc Augé acerca da "mobilidade espiritual" acima citada (CARDOSO, 1988, p. 359).

O deslocado, prossegue Sérgio, assinala sempre desarranjos internos ao seu próprio território, "advindos das fissuras e fendas que permeiam sua identidade". Assim, o estranhamento não é nunca relativo a um outro, mas sempre ao próprio viajante (Ibidem). O autor conclui que só alcançamos o 'outro' em nós mesmos e que o 'estranho' está "prefigurado no sentido aberto do nosso próprio mundo, inscrito no fluxo e no movimento da sua temporalidade". Assim, o estrangeiro está delineado "nas brechas da nossa identidade, na trilha aberta por nossa própria indeterminação". Ele não está fora, só o tocamos dentro de nós mesmos, pois o 'outro' para o autor, é sempre (e apenas) o que exige de nós distanciamento (de nós para nós mesmos) para que dele tenhamos experiência (CARDOSO, 1988, p. 360).

Nas palavras de Kristeva: “estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo” (KRISTEVA, 1994, p. 9). Uma vez que o estrangeiro está em nós, prossegue a autora já no final de seu ensaio, quando fugimos ou combatemos o estrangeiro, lutamos contra o nosso inconsciente – este “impróprio” do nosso “próprio” impossível. Ao reconhecer a nossa aflitiva estranheza, não sofremos dela nem a desfrutamos do lado de fora. “O estranho está em mim, portanto, somos todos estrangeiros” (KRISTEVA, 1994, p. 201).

Essas constatações de Sérgio Cardoso e de Kristeva de que o outro está em nós mesmos borram as fronteiras entre identidade e alteridade, entre nacional e estrangeiro, tal como concebidas pela modernidade. Assim, se o estrangeiro faz parte de nós, a idéia romântica de “exteriorizar o interior”, de trazer à tona a nossa essência primitiva, e a modernista de “interiorizar o exterior”, através da deglutição do estrangeiro, como analisa Roberto Corrêa dos Santos, ao comentar o ensaio fundador de Silviano Santiago - *Oswald de Andrade ou o elogio da tolerância racial* – deve ser substituída pela “exteriorização do exterior” (SANTOS, 1999, p. 68).

Em outras palavras: como bem resume Corrêa dos Santos, o romantismo defendia uma nacionalidade que se caracterizava pela ilusão e pelo mito de que possuíamos uma cultura autóctone a nos dar identidade. “Essa cultura diria respeito à nossa intimidade mais profunda e mais singular, ao nosso ser e essência, à nossa verdadeira alma: o nativismo, as origens indígenas”. Para se produzirem, então, uma literatura e uma arte nacionais, para nos tornarmos independentes da colonização europeia e enfim termos uma cultura própria, teríamos de empreender o gesto de “exteriorizar o interior”, buscando expressar a nossa essência primitiva. Ou ainda, recusar o exterior com que até então nos identificávamos (o exterior estrangeiro) para sermos basicamente homens interiores (Idem, p. 64).

Já o projeto modernista fez uma releitura desse esforço de criar uma identidade nacional, pois compreendia que não éramos uma cultura formada pelo dentro, que não tínhamos nenhuma essência particular. O projeto modernista trabalhou, então, no sentido inverso: “interiorizar o exterior”. “A nacionalidade

brasileira poderia, com tal operação antropofágica, aí sim, tornar-se forte e autêntica” (Idem, p. 65). Com isso, tanto a cultura europeia quanto a negra e a indígena foram incorporadas para formar o nosso interior forte, a nossa identidade. Os modernistas não acreditavam, portanto, em nenhum interior prévio. “Era, pois, imprescindível criar primeiro um interior, uma identidade, um fundo, uma substância forte a ser exteriorizada”, prossegue (SANTOS, 1999, p. 66).

Para fazer avançar o movimento modernista, Santos acredita, em sintonia com Silviano Santiago, que talvez tenhamos que sair do quadro clínico das relações da nacionalidade e da cultura. Ele retoma a idéia nietzscheana, presente em *Considerações Extemporâneas* (1873-1876), que entendia a ruptura exterior/interior como uma arbitrariedade. Para que se anule esta oposição, para que o movimento previsto pelo modernismo se complete, o autor propõe que tudo seja entendido como exterior.

Para isso, seria preciso não mais interiorizar, mas “exteriorizar o exterior acolhido”. Ao abolir o contraste entre dentro e fora, o conteúdo e a forma, seríamos só e apenas homens exteriores; estaríamos finalmente na alegria da forma e no nomadismo da diferença. “Daí, exteriorizados, poderemos criar sem o mito da espontaneidade, da profundidade ideal, da autenticidade, da submissão e da arrogância. Falaremos apenas das diferenças entre seres e nações diferidos”, propõe o autor (SANTOS, 1999, p. 68).